



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA
DEPARTAMENTO DE DANÇA**

**AN(DANÇAS) DO MEU CORPO PRETO
PERCORRENDO OS CAMINHOS DA GRADUAÇÃO**

JAINARA BATISTA SANTOS

ARACAJU-SE

2023

JAINARA BATISTA SANTOS

AN(DANÇAS) DO MEU CORPO PRETO
PERCORRENDO OS CAMINHOS DA GRADUAÇÃO

Trabalho de conclusão de curso II apresentado ao departamento de Dança da Universidade Federal de Sergipe (UFS) como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Dança.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Edna Maria do Nascimento

ARACAJU-SE
2023

Relato de experiência de autoria de Jainara Batista Santos, intitulado "An(danças) do meu corpo preto: percorrendo os caminhos da graduação.." Apresentado como pré-requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Dança pela Universidade Federal de Sergipe.

Aprovada em: / /

BANCA EXAMINADORA

Orientadora – Prof.^a Dr.^a. Edna Maria do Nascimento

Prof.^a Dra.^a Clécia Maria de Aquino Queiroz

Rohana Almeida Fonseca

Dedico este trabalho à memória de meus avós, Maria De Lourdes de Jesus, José Batista, Lenalda Moura e Gonçalo Alves por todas as suas andanças em vida. A mim, por nunca ter desistido.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus e a todas as forças superiores que me orientam e me guiam nos caminhos percorridos e em cada passo dado, a todas as minhas ancestrais que em suas andanças nos cruzamentos da vida foram deixando o nosso legado.

A minha mãe por ser a minha primeira e maior referência na dança e por me proporcionar o prazer de conhecer suas histórias através da sua fala, por me ensinar a dançar, por me ensinar a sambar, por me ensinar a viver. Obrigada por nunca ter saído do meu lado, por me acompanhar em todas as apresentações e por sempre vibrar fervorosamente em cada uma delas. Saiba que a platéia poderia estar lotada mas só fazia sentido para mim quando eu tinha certeza que você estava lá. As histórias da sua grande saia rodada que girava e girava enquanto você dançava estão vivas em mim.

Ao meu pai por me apresentar a arte nos mínimos detalhes de uma música, na sutileza de uma pintura, na ginga da capoeira e na beleza dos artesanatos. Obrigada por me apresentar suas histórias e por nunca sair do meu lado, obrigada por ser persistente quanto aos estudos e por ter me mostrado que eu tinha capacidade de chegar até aqui.

A minha irmã mais velha, Juliana Batista por ter segurado a minha mão e me mostrado o caminho que seus pés haviam trilhado, por ter sido a primeira da nossa família a seguir com a vida acadêmica mesmo quando acreditávamos que esse lugar não era nosso, por não ter desistido e por não me deixar desistir.

Aos meus Irmãos Jonatha Batista e Jaidson Batista por todo o incentivo e por segurarem a minha mão em diversos momentos me fortalecendo na caminhada.

Aos meus sobrinhos João Miguel, Maria Alice, Lunna Cecilia e Zoe Manuela por me mostrarem o amor em sua forma mais pura me fazendo entender a potência desse sentimento em nossas vidas.

A minha companheira Talita Pereira por caminhar ao meu lado sem soltar a minha mão durante essa trajetória. Obrigada por me fazer sentir gigante ao seu lado dentro desse emaranhado de amor e revolução, nosso amor é cura.

A quem encontrei no caminho nas encruzilhadas das nossas andanças dentro do curso, Sara Saulo, Rohana Fonseca, Thayliana Leite, Sephânia Rita, Daniela Nunes, Felipe Félix, Joanderson Costa, Igor Nascimento, Fabiano Oliveira. Obrigada

por cada dança, pensamento e questionamento que sempre nos permeiam e nos movimentam, obrigada por tornar a caminhada mais leve.

Agradeço Imensamente à minha orientadora Edna Maria do Nascimento por ter aceitado o meu convite, neste momento eu não poderia pensar em nenhuma outra pessoa, você sempre foi uma grande referência para mim, eu me enxergava quando eu te via, poder conhecer um pouco da sua história me fez perceber o quanto ela é semelhante a minha e isso me deu forças para continuar sem desistir.

Por fim agradeço a mim mesma por não ter desistido, somente eu sei exatamente os caminhos que trilhei, as dores que senti, as gargalhadas que eu dei para chegar até aqui. O que antes parecia apenas um sonho distante hoje se torna minha maior realidade, eu venci essa etapa e agora sinto que posso conquistar o mundo, desejo que essa seja só minha primeira dança com as palavras, que a minha escrita dance por aí e chegue até outras corpas e corpos pretos.

Eu, mulher negra, resisto!

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo ampliar o olhar dos leitores e leitoras para a importância de trabalhar com a visibilidade da diversidade de saberes e de narrativas durante o processo educacional. Traz detalhes da trajetória do meu corpo preto durante o processo de formação docente no curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Sergipe, em formato de relato de experiência, chama a atenção para a importância do antirracismo e do pensamento decolonial na construção da identidade do professor, e por conseguinte na construção da identidade de seus futuros alunos, evidenciando a necessidade urgente de pensar outros modelos de educação a partir da validação de outros saberes não somente os que ditam o padrão eurocêntrico.

Palavras-chave: corpo preto, dança, trajetória, saberes, educação, antirracismo

ABSTRACT

The present work aims to broaden the readers' perspective on the importance of working with the visibility of the diversity of knowledge and narratives during the educational process, bringing details of the trajectory of my black body during the teacher training process in the Degree in Dance from the Federal University of Sergipe, in the format of an experience report, drawing attention to the importance of anti-racism and decolonial thinking in the construction of the teacher's identity, and therefore in the construction of the identity of their future students. Thus highlighting the urgent need to think about other models of education based on the validation of other knowledge than just that which dictates the Eurocentric standard.

Keywords: black body, dance, trajectory, knowledge, education, anti-racism

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

1. **Figura 1:** Ballet Uma Rosa em Meu Caminho.....6
2. **Figura 2:** Ballet Uma Rosa em Meu Caminho.....7

SUMÁRIO

1. Introdução.....	1
2. Peço Licença Para Começar.....	3
3. Minha História é contada oralmente.....	4
4. Abrindo Caminhos.....	15
Referências.....	19

1. Introdução

Eu, Jainara Batista, uma mulher negra e periférica estando dentro do ambiente acadêmico, percebo que o fato de não me enxergar ou de me sentir representada neste espaço revela uma grande dificuldade em acessar e permanecer no mesmo, pois a educação dentro dos muros da academia ainda se baseia em narrativas elitistas e eurocêntricas, que em sua maioria acaba por excluir a validade dos saberes de povos, que a muito foram explorados pelo processo de colonização.

Durante o meu processo educacional me deparei com muitas narrativas, que nem sequer eram próximas da minha realidade e com isso pude experimentar por diversas vezes a sensação de estar nesse não-lugar, me sentindo assim não pertencente, e tendo por vezes os meus discursos taxados de pouco intelectuais e muito emocionais.

Segundo os dados da pesquisa “Estatísticas de gênero – indicadores sociais das mulheres no Brasil” divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no ano de 2018, entre as pessoas de 25 e 44 anos, o percentual de homens que terminou a graduação é de 15,6%. Já o de mulheres alcançou 21,5%, sendo 23,5% o percentual de mulheres brancas com ensino superior completo e apenas 10,4% o percentual de mulheres negras com ensino superior completo.

Este trabalho tem como objetivo, a partir do relato de experiência do meu processo de graduação, fazer uma reflexão da trajetória do meu corpo preto em uma busca constante por abrir caminhos, chamando atenção para a importância da visibilidade da diversidade de saberes e de narrativas no processo de formação, na tentativa de descentralizar e descolonizar o pensamento acerca dessa trajetória, trazendo em minha fala os detalhes dos percalços enfrentados ao longo deste período de luta pela permanência do meu corpo neste espaço, construindo então um documento de análise para que os leitores possam imergir nessa narrativa aproximando-se assim dos passos dados por uma mulher negra em seu processo de formação, visualizando os diversos atravessamentos que perpassam o seu corpo a partir de um olhar interseccional como nos traz Carla Akotirene (2020, p.19) em seus estudos sobre o conceito:

A interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado – produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes

atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais.

Por diversas vezes fui atravessada pelo sentimento de incapacidade nos caminhos percorridos durante a graduação, incontáveis vezes senti que era pouco intelectual, e a falta de proximidade com a escrita e com a pesquisa me faziam sentir inferior. Me fiz diversos questionamentos tentando compreender porque esse peso recaía sobre os meus ombros. O que eu estava buscando? Sobre o que eu gostaria de escrever?

Dançar sempre foi para mim a expressão do que vivo e do que carrego de memórias em meu corpo, a forma mais natural de compreender tudo aquilo que me compõe. Os movimentos dizem quem sou, quando danço eu existo. E a partir desse pensamento percebo que é exatamente assim que gostaria de apresentar minha escrita.

No dia 16 de agosto de 2019 tive a imensa honra e oportunidade de estar na presença de Conceição Evaristo em um evento desenvolvido pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), e então pude ouvir pela primeira vez em uma de suas falas durante a palestra o termo *Escrevivência*. E foi aí que tudo começou a fazer sentido para mim. Ouvindo todas aquelas falas tão assertivas de Conceição pude ir percebendo como a *escrevivência* me parecia ser extremamente próxima da tão familiar oralidade.

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. (Evaristo, 2020, p.11)

A partir dessa percepção busco então retomar essa força a partir do entendimento do meu corpo-voz como essa potência que me move, e com a qual irei desenvolver esta escrita, que antes, apesar de parecer tão distante, sempre esteve presente. E nestas linhas que aqui se sucedem eu escrevo e danço, danço e escrevo na certeza do grande potencial que carrega este trabalho composto de tantas vozes além da minha.

Potência de voz, de criação, de engenhosidade que a casa-grande soube escravizar para o deleite de seus filhos. E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. Por isso, afirmo: “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos. (Evaristo, 2020, p.11)

E é a partir da potência dessa escrita tão importante para mim e que almejo que seja também para outras corpos e corpos negros que terão a oportunidade de ler, que apresento o meu trabalho de conclusão de curso na certeza de que aqui ecoa a voz de mais uma arte-educadora negra, que estará dentro dos espaços educacionais orgulhosa da sua trajetória e sendo resistência e representatividade para tantas crianças negras em sua vivência escolar.

2. Peço Licença Para Começar

Quando pensei em começar minha escrita me vi um tanto perdida. Sempre fui boa com as palavras ditas apesar da timidez me acompanhar por longos anos. As palavras escritas me deixavam amedrontada, talvez pela não proximidade com a modalidade. Eu nunca fui a menina mais destacada da sala de aula, mas sempre fui muito esforçada pois, eu sabia que através dos estudos eu conseguiria “ser alguém na vida”, como os meus pais diziam em casa.

Minhas notas nunca foram extraordinárias, sempre dentro da média, e com muito esforço, ano após ano da educação básica a aprovação era a recompensa. Cresci ouvindo histórias serem contadas por meus pais, a oralidade sempre foi nosso meio de educação e sobrevivência. Era através das palavras que saltavam da boca de pai e de mãe, que conhecíamos nossas histórias, que podíamos nos aproximar dos que vieram antes a partir dos seus saberes deixados e repassados de boca a boca. E era a partir desse boca a boca que podíamos guardar, em nosso subconsciente, conhecimentos que até hoje nos guiam, visto que: “As experiências passadas mantêm-se retidas na memória e podem ser recuperadas no presente por meio da linguagem”. (Oliveira, 2011, p.76)

Por muito tempo eu estive relutante em escrever minha história, durante a minha infância e adolescência eu não tive acesso a documentos escritos que contassem histórias de pessoas como eu, as histórias que eu sabia me haviam sido contadas e talvez isso tenha impregnado no meu subconsciente e esse sentimento de que minha escrita não é válida seja consequência disso. Com o passar do tempo e como diria

Conceição Evaristo sendo “Uma exceção à regra” ou como costume dizer “Contrariando a Estatística” tive acesso a academia e com isso acesso a outros diálogos, a outras leituras que me fizeram perceber que a palavra escrita também me pertence e que para além disso a palavra escrita é uma forma de resistência, de fazer o nosso legado acessar outros tantos lugares possibilitando assim o ecoar cada vez mais alto as nossas vozes.

O processo de entender que o que aqui direi é válido foi longo, até que eu pudesse entender que a minha vivência escrita é também conteúdo intelectual eu tive que trilhar muitos caminhos. E o caminho mais importante foi o caminho da percepção da minha negritude. Desde a minha infância eu sabia que era negra, mas foi no decorrer das experiências vividas que pude ir percebendo o que de fato é ser uma mulher negra dentro da sociedade em que vivo, e por acreditar que cada uma dessas experiências foi e é parte importante na minha formação, pois, são elas que me compõem, busco a partir deste relato de experiência dialogar com vozes de intelectuais negras na tentativa de dar visibilidade a conhecimentos até então subjugados e subalternizados me dedicando ao estudo do epistemicídio que:

Alia-se nesse processo de banimento social a exclusão das oportunidades educacionais, o principal ativo para a mobilidade social no país. Nessa dinâmica, o aparelho educacional tem se constituído, de forma quase absoluta, para os racialmente inferiorizados, como fonte de múltiplos processos de aniquilamento da capacidade cognitiva e da confiança intelectual. É fenômeno que ocorre pelo rebaixamento da auto-estima que o racismo e a discriminação provocam no cotidiano escolar; pela negação aos negros da condição de sujeitos de conhecimento, por meio da desvalorização, negação ou ocultamento das contribuições do Continente Africano e da diáspora africana ao patrimônio cultural da humanidade; pela imposição do embranquecimento cultural e pela produção do fracasso e evasão escolar. (Carneiro, 2005, p.97).

Amparada por conceitos cunhados por intelectuais negras e dialogando assim com vozes e histórias a muito invisibilizadas que peço licença para que nas seguintes linhas que compõem este trabalho a minha história possa ser contada e que eu possa dançar entre as palavras escritas, na certeza de que tudo o que aqui será dito é parte da minha intelectualidade, e eu alcancei essa certeza quando entendi que mesmo Painho e Mainha não tendo acesso à educação básica sempre foram alguém na vida e foi a partir dos seus saberes passados através da oralidade e do fazer diário que eu cheguei até aqui hoje.

O intuito do conteúdo que será destrinchado é discutir e visualizar como cada pensamento, fala ou escrita aqui gravadas partem do lugar de onde estão fincadas as minhas raízes.

3. Minha História é contada oralmente

Venho de uma família humilde, sou filha de Ivone dos Santos Batista e José Jailton dos Santos, sou a terceira de quatro irmãos. Nascida na cidade de Aracaju-SE, cresci e resido até hoje no bairro Olaria, zona norte da cidade. A dança faz parte da minha história desde a minha infância quando a minha família se reunia em datas comemorativas como São João, Natal, Ano novo e nessas reuniões não podia faltar o samba, um pagodinho, um brega para dançar agarradinho.

Consigo lembrar dos corpos suados de meus tios e tias quando nos reuníamos no terreiro da frente de casa para festejar a vida. A imagem mais forte em minha mente é de minha mãe ali sorridente, sambando, rebolando, eu admirava demais vê-la dançar e ela sempre entre um rebolado e outro me incentivava, sorria para mim, me chamava para a roda, me elogiava, e foi ali observando seu miudinho ao som dos grandes sambas e pagodes da época que eu aprendi a sambar e Mainha com sua sabedoria ancestral conhecendo bem cada uma de suas crias sabia que meu caminho começava ali, essa é minha primeira memória de paixão pela dança.

Aos seis anos de idade um projeto de dança havia sido criado na casa espírita a qual frequentávamos onde passaram a ser oferecidas aulas de balé, o projeto se chamava Balé Uma Rosa em Meu Caminho, quem ministrava as aulas era Luci Rodrigues uma mulher preta, pedagoga, que não tinha experiência técnica em dança apenas se interessava bastante e tinha essa força de vontade de retirar as crianças da rua oferecendo atividades. Recordo-me que ela sempre comentava que buscava aprender por vídeos e passar o que aprendia, Luci foi minha primeira professora.

As aulas aconteciam todos os sábados às 9h e eu passava a semana inteira aguardando ansiosamente o sábado chegar, aquele era o sonho de tantas meninas pretas como eu, chegar o mais próximo possível desse imaginário de “princesa”. Pensar os tules e as sapatilhas cor de rosa era sonhar em ser de fato essa princesa sem sequer perceber na época como o racismo estrutural nos atravessava a todo momento, as sapatilhas e meia calça cor de rosa não eram simplesmente sinônimo de delicadeza, mas essa era a primeira imagem que vinha a mente e que ainda se perpetua no imaginário das pessoas quando pensam o ballet clássico. “As cenas são imediatamente reconhecidas e simbolizam tudo o que o balé significa – o que é belo, perfeito, imaculado – tudo isso codificado pela pele branca” (PORTAL GELEDÉS, 2020)

Começo então a desenvolver essa paixão que já era tão viva em mim, lembro que em todas as apresentações Painho e Mainha sempre estavam lá na plateia e isso

era de uma importância sem igual para mim, em meio a famílias que não eram tão estruturadas assim eu tinha a vantagem de ter minha rede de apoio.

Figura 1: Ballet Uma Rosa em Meu Caminho



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 2: Ballet Uma Rosa Em Meu Caminho



Fonte: Arquivo pessoal

Passaram-se alguns anos e na faixa dos meus 11 anos de idade recebemos a notícia que uma professora de Balé dona de uma escola de dança iria nos visitar na casa espirita, para que pudesse escolher uma de nossas coreografias para ser apresentada no espetáculo de fim de ano de sua escola no Teatro Tobias Barreto, até esse dia chegar eu me esforçava nas mínimas coisas pra que eu pudesse ser vista, os meus pais não tinham condições de pagar a mensalidade de uma escola e essa era uma grande oportunidade.

Estar no teatro parecia ser surreal, algo totalmente distante da nossa realidade, principalmente o teatro Tobias Barreto com toda aquela estrutura imponente não era um espaço que nós acessávamos, consigo lembrar de minha mãe comentando que não tinha nem roupa para ir a tal lugar. Foi uma experiência ímpar subir ao palco do Tobias Barreto, eu me senti confiante pois tinha certeza que eu sabia o que fazer pois havia me dedicado demais e até hoje não consigo descrever esmiuçadamente a sensação que foi me sentir VISTA, naquele momento outras pessoas me viram e

agora mais pessoas sabiam que eu também sabia dançar e foi ali que eu me senti capaz.

A partir da apresentação que fizemos Débora Júlia professora e proprietária da New Stars escola de dança escolheu cinco meninas para se tornarem bolsistas em sua escola, eu estava entre as cinco, e foi incrível demais perceber que meu esforço tinha me proporcionado uma bolsa e que agora eu poderia seguir adiante com minha paixão.

A escola ficava localizada no bairro São José, zona sul de Aracaju nas primeiras aulas minha mãe me acompanhou e ia me orientando dentro do ônibus, explicando como eu deveria agir em que ponto deveria descer porque ela não iria poder ficar me acompanhando em todas as aulas por conta dos custos com as passagens e dos cuidados com a casa e com o meu irmão mais novo, aprendi rapidamente e segui fazendo este trajeto do meu bairro localizado na zona oeste da cidade até a escola localizada na zona sul duas vezes na semana carregando comigo apenas um sonho e a paixão que eu tinha por ele.

Na escola eu e mais duas amigas éramos as únicas meninas negras e todas bolsistas, lembro que na época ainda muito nova meu pensamento era de que isso era um grande privilégio poder fazer parte desse espaço onde quase não existiam pessoas semelhantes a mim. Eu fazia as aulas regulares na escola e permanecia no projeto, então Luci minha professora começou a nos incentivar para que pudessemos iniciar um movimento onde tudo que era aprendido na escola de dança por nós era passado para nossas demais colegas que faziam parte apenas do projeto, então nós orientávamos umas às outras nesse processo de aprender e ensinar, a partir disso criamos dentro do projeto de dança turmas de Baby Class que eram assumidas por nós bolsistas da escola de dança, e ao lado de minhas amigas Gabriela Alves e Mariane Sandryne assumimos o *BALÉ ARCO-IRÍS* que recebia crianças de 4 a 6 anos de idade, foi aí que eu tive meu primeiro contato com a “docência”.

Estar nesta posição de professora era para mim algo tão satisfatório, poder ser vista pelos olhos daquelas crianças como alguém a se admirar da mesma forma que eu admirava a minha professora, poder passar cada pequeno ensinamento da forma mais natural possível para que a experiência da dança chegasse até elas como chegava para mim com o sentimento de liberdade, sempre me senti livre dançando pois tinha plena consciência de que era algo que eu sabia fazer era onde eu me sentia protagonista dos meus próprios passos como me sinto agora protagonista dessa história que escrevo, sim, protagonista da minha própria história e isso me arranca sorrisos dos lábios e é ainda mais satisfatório para mim poder dizer que esta história não iram apagar, pois, para além desta escrita enquanto eu tiver vida ela será contada.

Retomando a minha linha do tempo, permaneci fazendo parte do projeto ministrando aulas para as crianças e fazia aulas na New Stars, até que em 2012 a escola de dança apresenta seu último espetáculo encerra suas atividades e fecha as portas, nesse período eu estava me encaminhando para meu último ano escolar e acabei me afastando um pouco das aulas do projeto, minha irmã mais velha então começa a conversar comigo sobre o ENEM e passo então a pensar em minha futura vida acadêmica.

Juliana minha irmã mais velha primeira pessoa da família a ingressar em uma universidade fazia agora o papel de me apresentar esse universo e me dizer que sim, era possível que pessoas como nós chegassem à universidade, começo então a pensar qual curso eu escolheria e como seria meu futuro a partir desta escolha.

Meu pai sempre fez questão de conversar conosco sobre como o estudo era importante para nós, ele sempre dizia que se tivesse a oportunidade de terminar os seus estudos assim ele faria pois infelizmente essa oportunidade e havia sido tirada dele quando ainda muito jovem precisou optar por trabalhar para se manter vivo e conseqüentemente sustentar a família que havia criado com minha mãe, então ele sempre nos falava sobre a importância dos estudos sem deixar de falar na importância do trabalho também visto que é no trabalho que conseguimos a renda para nos mantermos vivos.

Quando comecei a pensar qual curso escolheria logo pensei em recorrer a cursos que apresentassem oportunidades de trabalho com boa remuneração, acho que esse é um pensamento bem em comum de pessoas que vem de famílias periféricas visto que a maior vontade é modificar essa realidade um pouco, nós também desejamos comer bem, vestir bem e ter o mínimo de conforto.

Em 2013 finalizo o ensino médio e faço então minha primeira tentativa no ENEM de entrar na federal afinal de contas meu pai sempre deixou explicado que não teria condições de bancar uma universidade, então ou era federal ou não era, não consegui ingressar na minha primeira tentativa e em 2014 passo a buscar trabalho no comércio para que pudesse ajudar em casa, consigo então uma vaga de operadora de caixa em uma loja de calçados no centro de Aracaju, passo a trabalhar 8h por dia de segunda a sábado. Consigo me lembrar que nesse período eu só tinha tempo para o trabalho, acordava às 5h organizava meu almoço e saía de casa às 7h, acabava retornando somente no fim do dia que já era hora de me organizar para o dia seguinte e descansar.

Paralelo a isso, minha irmã seguia conversando comigo sobre uma nova tentativa de ingressar na universidade, sem me deixar desistir até que então ela me questiona: Por que você não tenta Licenciatura em Dança? E minha cabeça quase

explodiu nesse exato momento, e me questioneei por que eu não sabia da existência de um curso de nível superior em dança? E foi então que ela me explicou que havia ficado sabendo que existia o curso de Licenciatura em dança na federal e me orientou quanto a isso, pois ela sabia da minha paixão pela dança.

Faço então novamente a prova do ENEM e em nova tentativa de ingressar na federal, agora o curso de licenciatura em Dança estava entre as minhas duas opções, seguido de nutrição, profissão a qual eu achava que a remuneração fosse mais interessante. Esse pensamento com relação a remuneração é um pensamento que costumo dizer que na maioria das vezes nos distancia dos nossos sonhos, quando nós pessoas negras periféricas pensamos em ascensão nós pensamos em conforto e conforto quer dizer dinheiro, e quem faz dinheiro suficiente para garantir o tão sonhado conforto é médico, advogado e essas profissões “renomadas”, por diversas vezes ouvi a frase “Artista só ganha aplauso e aplauso não enche barriga” e quando você é pobre você sabe muito bem o valor de ter pelo menos a barriga cheia.

Mesmo na incerteza de que o futuro estaria a meu favor seguindo esse caminho, meu desejo de conseguir ingressar no curso de dança permanecia vivo. Liberados os resultados lá estava eu a mais nova discente do curso de licenciatura em Dança da Universidade Federal de Sergipe, a segunda da história de minha família a ingressar no ensino superior numa instituição federal através do sistema de cotas, o que anteriormente para mim mulher, negra, periférica parecia uma impossibilidade se tornará real ali diante de meus olhos, eu havia seguido os passos de minha mais velha e com sua orientação eu também havia chegado lá porque ela não soltou minha mão, e ali então levávamos adiante o nosso legado ancestral.

Com a minha aprovação na federal vieram inúmeros sentimentos e sensações e uma delas foi a preocupação de como iria conseguir me manter até o fim da graduação já que existia a complicação em relação a trabalho, o curso havia passado de noturno para matutino justamente no ano de 2015 e isso infelizmente encurtava ainda mais as minhas chances no mercado de trabalho. Mesmo achando complicada a situação, os meus pais não deixaram de me apoiar, pois sempre acreditaram que o estudo poderia nos abrir ainda mais portas e eu segui firme na esperança de que uma hora ou outra conseguiria conciliar ambos.

Dou início então a essa nova trajetória com sede de saber o que esperava por mim, afinal de contas eu mal sabia como funcionava a universidade, não tive essa orientação no ensino médio minha irmã que me orientou em tudo. Em meu primeiro dia de aula participando da reunião onde o corpo docente se apresenta e apresenta o curso, tive a infelicidade de ouvir uma frase que no momento me deixou devastada, em um momento em que um dos docentes falava sobre a mudança do turno do curso

do noturno para o matutino onde entre uma frase e outra ele explicava os motivos para tal mudança e dizia que era importante priorizar as aulas e o foco, de repente alguém solta um “ou você estuda ou você trabalha”, eu travei exatamente ali pois na minha mente não existia essa possibilidade de fazer somente um ou outro, eu queria e mais que queria eu precisava fazer ambos porque dentro da minha realidade para que eu conseguisse me manter estudando eu precisava trabalhar.

Chegar até a universidade dentro da minha realidade exigia um processo que envolvia desde conseguir me alimentar, me locomover, conseguir o material adequado para a participação nas aulas, e para que eu pudesse passar por todo esse processo eu precisava trabalhar para custear isso. Passei alguns dias pensando sobre e decidi que isso não me travaria, entendi que havia sido uma infelicidade, certamente a pessoa que usou essas palavras nem sequer se dava o trabalho de olhar além da sua realidade e de sequer entender que existem realidades plurais, resolvi enxergar aquilo como um combustível para seguir adiante afinal de contas eu já havia contrariado as estatísticas a partir do momento que ingressei na universidade eu era mais uma mulher negra que conseguiu pisar no ambiente acadêmico e agora o meu papel era muito maior, trazer à tona a minha narrativa e escancarar a minha trajetória ocupando este espaço que também me pertencia.

Pisando nesse novo terreno vou descobrindo como o universo dançante é imenso e assim como os corpos é também diverso, são inúmeras as narrativas dançadas, são muitas as histórias e memórias presentes em cada corpo.

Observando essa diversidade vou percebendo que eu tinha uma visão diferente do que seria o curso de graduação em dança, por ter acessado espaços como escolas de dança o meu olhar estava condicionado a ver corpos técnicos, e agora estando dentro desse espaço universitário vou ampliando o olhar para multiplicidade dos corpos ali presente. Ver que aqueles corpos em grande maioria traziam consigo as corporeidades da vida e que eram linguagens muito particulares, me fez perceber que a dança dentro da universidade precisa ocupar um outro lugar que não somente o lugar das técnicas corporais, porém meu olhar nesse momento ainda era afetado pelo pensamento que geralmente é disseminado da dança como lugar não de produção de conteúdo intelectual, mas da produção de entretenimento.

Comecei a perceber que as técnicas eram estranhas aos corpos, eu havia aprendido a mecânica dos movimentos a partir dos estudos técnicos na escola de dança e para mim estar em contato com as primeiras disciplinas práticas do curso como ballet clássico e dança moderna não era tão estranho assim, mas, passei a analisar como aqueles corpos, os nossos corpos estranham técnicas que se parmos para analisar nem sequer pensam a estrutura corporal diversa do corpo brasileiro.

À medida que ia vivenciando as disciplinas e imergindo cada vez mais nessa nova realidade eu ia me conectando com uma energia muito forte e viva dentro de mim, estar em contato com tantos conteúdos e tantas leituras que anteriormente não faziam parte da minha vivência me fez perceber como o mundo é vasto e o tanto de conhecimento que podemos adquirir me surpreendia, e quanto mais eu me surpreendia mais eu queria descobrir, mais eu queria saber.

Um fato que me marcou muito foi quando tive o primeiro contato com a disciplina de Africanias com a professora Bianca Bazzo, onde tive meu primeiro contato com laboratórios criativos e onde pudemos nos aproximar um pouco mais da nossa árvore genealógica, a professora conduzia a disciplina com alguns laboratórios onde podíamos imergir no nosso imaginário, e nos aprofundarmos em nossas histórias e memórias corporais e paralelamente a isso nós buscamos as histórias de nossas mães, pais e avós.

Lembro exatamente que em meus primeiros laboratórios quando eu ia imergindo no meu imaginário e buscando dançar as minhas histórias eu via muita lama e aquilo não fazia muito sentido para mim, até que um dia eu me sento à mesa com os meus pais para saber um pouco mais sobre nossas histórias, e minha mãe me traz relatos de sua mãe, minha avó materna, na época em que ela era marisqueira e trabalhava no mangue, e ali naquele instante ouvindo as palavras de minha mãe tudo começava a fazer sentido.

Recentemente eu li que nossa avó materna também gesta os netos, de modo que os óvulos da sua filha são formados em seu desenvolvimento dentro do útero, óvulos esses que mais tarde irão gerar os seus netos (PASCHOALIQUE, 2020) e isso me deixou muito pensativa e achando incrível essa ligação ancestral, passei a analisar que essa ligação reflete em nossa memória corporal pois, como poderia eu sem ter vivido a experiência de catar os mariscos aterrando os pés na lama do mangue como minha avó acabar tendo essa familiaridade com a lama?

A partir dessas experiências vou começando a perceber como a dança nesse lugar de costurar histórias umas nas outras construindo grandes narrativas a partir do movimento, e chegando na cena através do nosso corpo político era de fato o que eu queria seguir, essa seria a minha linguagem porque eu sentia que isso trazia sentido ao meu dançar e para além da satisfação que eu sentia de ser vista dançando quando criança, agora eu podia também sentir a satisfação de contar e me aprofundar nas minhas histórias, agora eu não precisava ser somente uma menina negra que dominava uma técnica de dança específica e que isso lhe trazia visibilidade, agora eu também podia ser a mulher negra que pesquisa e que conta suas histórias também pelo movimento.

A medida que ia descobrindo as disciplinas do curso era como se eu estivesse fazendo também uma descoberta de mim, especialmente nas disciplinas que envolviam os estudos da cultura popular, a experiência corporal era como se eu pudesse sentir o meu corpo se reajustando para um estado de energia que até hoje eu não consigo descrever sem sentir, é como se a terra começasse a vibrar e essa energia atraísse o meu corpo pela sola do meu pé que se esparrama no chão e puxa meu corpo pra baixo fazendo com que tudo vibre na mesma frequência e aí eu sei que estou em casa.

Apesar de estar com tanta sede de conhecimento e querendo imergir ainda mais no que a graduação estava me oferecendo naquele momento eu permanecia em busca de um emprego na tentativa de aliviar para os meus pais a questão dos gastos com passagens, alimentação e materiais necessários para o curso em si, foi quando minha irmã no ano de 2016 havia acabado de matricular minha sobrinha na escola e ficou sabendo que essa escola em que ela estudaria estava a procura de uma professora de baby class e imediatamente ela entrou em contato comigo. No primeiro momento eu me sentia amedrontada, não acreditava que eu tinha potencial de ser uma professora na escola e nem tinha diplomas para isso, por mais que eu tivesse feito cursos técnicos na escola de dança eu também não tinha certificados e mesmo assim criei coragem e fui até a escola porque eu precisava do dinheiro.

Lembro que cheguei à escola e contei para a diretora das minhas experiências e que agora estava fazendo a graduação em dança, ela prontamente me pediu para preparar uma aula experimental e a partir da aula ela decidiria se eu ficaria como professora ali eu vi a oportunidade, voltei para casa e preparei a aula de acordo com o que eu já trabalhava quando ministrava as aulas do projeto e pensando no que eu poderia contribuir para aquelas crianças que estariam ali em minha frente. Separei umas músicas e fui, a escola em questão era uma escola de educação infantil e minha primeira turminha ainda usava fraldas e diante da situação eu só consegui pensar que eu precisaria trabalhar a partir do que elas conseguiriam fazer, não perdi tempo e me joguei no chão com as crianças durante a aula nós engatinhamos, falamos sobre os animais, fizemos plié a partir do movimento do sapo, tentamos pegar as estrelas usando a meia ponta dos pés e assim aconteceu.

Assim que acabei a aula fui envergonhada falar com a diretora da escola acreditando que ela havia me achado maluca, afinal de contas eu havia apresentado minhas experiências técnicas com o ballet e havia chegado à sala e estava lá falando dos animais e engatinhando no chão. Sentei-me em uma cadeira na frente dela e atenta aguardei sua devolutiva, foi quando me surpreendi pois ela disse que não tinha dúvidas que eu seria a nova professora de ballet da escola e que ela nunca havia tido

contato com esse tipo de pedagogia e que estava muito encantada com o envolvimento das crianças na aula, foi nesse momento que eu ouvi pela primeira vez a palavra pedagogia relacionada a dança. Agora eu tinha um emprego que me ajudaria a arcar com os custos da universidade e estava vibrando por dentro.

Nesse período eu conheci Aline Serzedello Vilaça, ela havia chegado no curso como professora substituta, e nossa, como ela marcou minha trajetória. Eu consigo me recordar do dia em que senti que Aline havia me marcado para sempre, foi exatamente no dia em que ela apresentou sua performance “Linha de Força” que conta um pouco da história de suas ancestrais. No momento em que ela entra na sala de postura curvada, eu pude sentir minha avó, minha bisavó e toda a energia que envolviam suas histórias, se fecho os olhos ainda consigo sentir a sensação angustiante de vê-la correndo em volta da sala enquanto dizia: “Dizem por ai que aqueles negros arrancados de África eram obrigados a correr sete vezes elas e nove vezes eles em volta do maior Baobá para esquecer famílias, pra esquecer filhos, pra esquecer amores”.

Essa performance foi a minha virada de chave, naquele dia não consegui conter as lágrimas e passei a refletir sobre o quanto o nosso corpo é político, o corpo de Aline, mulher preta de pele retinta, em cena, trazendo à tona a realidade da nossa luta por sobrevivência me fez questionar inúmeras coisas.

Aline foi minha professora na disciplina de Pedagogia da dança que foi onde me apaixonei de fato pela dança na escola, a forma como ela conduzia a disciplina era simplesmente extraordinária. Durante a minha vivência escolar eu não tive acesso a conteúdos que falassem sobre as histórias e lutas da população negra, eu me reconhecia enquanto negra mas não tinha muitos questionamentos nem muito pensamento crítico a cerca de algumas situações as quais eu vivenciava, no decorrer da disciplina de Pedagogia da Dança eu tive acesso a conteúdos trazidos pela professora que discutiam estes assuntos, foi quando de fato eu conheci o movimento negro, um movimento social que segundo Gomes, (2017, p. 17):

Trouxe as discussões sobre racismo, discriminação racial, desigualdade racial, crítica a democracia racial, gênero, juventude, ações afirmativas, igualdade racial, africanidades, saúde da população negra, educação das relações étnico-raciais, intolerância religiosa contra as religiões afro-brasileiras, violência, questões quilombolas e antirracismo para o cerne das discussões teóricas e epistemológicas das ciências humanas, sociais, jurídicas e da saúde, indagando, inclusive, as produções das teorias raciais do século XIX disseminadas na teoria e no imaginário social e pedagógico.

Quando conheço o movimento negro passo a me questionar o porque de não ter visto conteúdos que abordassem essa temática durante os anos em que estive na

escola, as falas que eu sempre ouvia principalmente das professoras de história que tive ao longo dos anos eram sempre relacionando a pessoa negra a escravidão, os livros de história traziam em suas imagens e ilustrações pessoas semelhantes a mim sendo açoitadas e amontoadas no interior de grandes navios, as pessoas negras como eu eram sempre apresentadas nos livros como “Escravos” e eu me questionava se essas pessoas não tinham nem sequer um nome, diferente das figuras brancas que eram sempre nomeadas assim como Dom Pedro, Princesa Isabel e dentre tantos outros que eram sempre colocados em um lugar “heróico”.

Durante o período de estudo no ensino médio eu pude presenciar o ocultamento das histórias do povo negro, eu não me via representada naquela história narrada através do olhar eurocêntrico, logo, o sentimento de inferioridade se fazia muito presente por mais que eu não quisesse me sentir assim, era como se aquelas páginas estivessem traçando o destino de pessoas como eu, destino esse que não me deixava nenhum pouco satisfeita mas que eu seguia para este rumo mesmo sem querer.

As aulas de pedagogia da dança pensadas a partir desse lugar do antirracismo me fizeram perceber a grandiosidade do movimento negro, ampliando o meu olhar para a minha formação enquanto docente. Durante as aulas com Aline eu passei a me reconhecer ainda mais dentro do meu potencial enquanto mulher negra, e o sentimento desse encontro “tardio” com o movimento negro me fez parar e analisar que tipo de profissional eu gostaria de ser dentro da escola, assim surgiram os diversos questionamentos e reflexões. Eu agora sabia o grande impacto que tinha a construção da minha identidade na minha formação e na minha atuação dentro da escola enquanto futura docente.

O que também passou a me chamar muito a atenção foi o fato de como eu sentia que esse trabalho de construção da minha identidade a partir da pedagogia do movimento negro me fazia tão mais próxima das experiências corporais em dança, quanto mais eu buscava minhas histórias, quanto mais eu aceitava minhas origens, quanto mais eu de fato me empoderava, eu me sentia livre para criar, dizer e estar em cena. Reconhecer a minha identidade de mulher negra era também reconhecer o meu corpo e entender de que forma surge a minha dança, o que diz o meu corpo pelo movimento e como dançam dentro de mim as minhas raízes.

4. Abrindo Caminhos

Quando inicio meu trabalho na escola, dando aulas de baby class no Instituto Educacional Menino Jesus, vou ganhando espaço, até que recebo a proposta de ministrar aulas de dança para todas as turmas do maternal ao quinto ano, e sem me

demorar muito, aceito a proposta . Como eu estava em contato com os conteúdos destrinchados na disciplina de pedagogia da dança, eu pude já começar a repensar algumas dinâmicas de aula e pensar de que forma eu poderia construir meu trabalho a partir destas novas perspectivas.

Como a algum tempo eu já vinha refletindo sobre a dança nesse lugar de trabalhar o movimento a partir das histórias que carrega cada corpo, passo a pensar então que o meu trabalho precisaria partir do universo do ser criança, visto que eu iria atuar na educação infantil. Em minha concepção a criança está constantemente escrevendo e vivendo as histórias que esse universo fascinante da infância constrói através da criatividade que é tão viva nessa fase da vida.

Passo então a perceber que aqueles corpos em desenvolvimento à medida que vão conhecendo o chão em que pisam e o mundo ao seu redor, vão construindo o seu próprio repertório, e suas próprias histórias a partir dos seus pequenos passos. A educação infantil desde o início se mostrou para mim um lugar mais próximo do campo afetivo, onde se trabalha o desenvolvimento, a socialização, as relações, e todos esses são aspectos que dizem respeito à nossa humanidade.

Dança é movimento e eu particularmente não enxergo a criança sem enxergar movimento, a criança aprende brincando, aprende se relacionando, aprende fazendo, então aproveitar este momento tão importante da educação infantil para trabalhar com a diversidade de corpos, e de histórias na construção da identidade a partir desse reconhecimento, se mostrava para mim algo extremamente importante.

Minha metodologia na sala de aula foi sendo criada com base nas referências que eu ia tendo a medida que avançava nas disciplinas do curso, e com base no que as crianças iam me apresentando a partir dos seus próprios repertórios de movimento, buscando analisar cada corpo e trabalhar da forma mais plural possível auxiliando assim na construção da identidade de cada uma delas com base em seu potencial.

O ensino de dança na escola pode dar subsídios ao aluno para melhor compreender, desvelar, desconstruir, revelar e transformar as relações que se estabelecem entre corpo, arte e sociedade, de forma a contribuir para que os alunos tomem consciência de suas potencialidades, aumentando sua capacidade de resposta e sua habilidade de comunicação. Seu objetivo englobaria a sensibilização e a conscientização tanto nas posturas, nas atitudes, nos gestos e nas ações cotidianas, quanto em suas necessidades de se expressar, comunicar, criar, compartilhar, interagir na sociedade em que vivemos (Godoy e Antunes, 2010, p.39).

Quando comecei a ministrar as aulas eu buscava sempre trabalhar pensando em direcionar as crianças no olhar mais atento para si e para o mundo, através do reconhecimento do seu corpo e do espaço que ele ocupa, trazendo cada criança para

o lugar do protagonista de suas próprias histórias, explorando a dança a partir das brincadeiras da infância passadas de geração para a geração por pais, avós, bisavós, reforçando assim a importância dos saberes populares. Sempre em busca de ampliar o olhar dos pequenos para a diversidade dos corpos e pensando a dança a partir desse corpo que brinca, e que portanto investiga o movimento criando por meio do improviso suas próprias narrativas.

Segundo Borba (2007, p.41) a “brincadeira é um lugar de construção de culturas fundado nas interações sociais entre as crianças. É também suporte da sociabilidade.” Trabalhar com a dança na educação dentro dessa perspectiva das brincadeiras e saberes populares, para mim revela-se uma grande porta de entrada para as reflexões da importância da cultura de rua, que carrega consigo os grandes saberes ancestrais deixados e repassados a cada geração como forma de resistência da cultura de um povo.

Enxergando então essa porta de entrada vou buscando me perceber enquanto uma mulher negra dentro das salas de aula da educação infantil, e passo a me dar conta que a minha imagem para além da importância de assumir a turma enquanto professora, carrega uma representatividade muito forte. Ser professora na educação infantil é ser a primeira referência de imagem de uma profissional da educação que a maioria das crianças vai estar tendo na vida, então eu, mulher, negra, periférica, de cabelo black power, tatuada, estaria ocupando esse lugar de primeira professora de dança da vida dessas crianças.

As experiências de vida de Professoras Negras, atuantes na Educação Infantil, inevitavelmente se interseccionam com seu fazer pedagógico. E tal fato pode propiciar às crianças, que se encontram no início da escolarização, a ampliação dos seus convívios sociais com vivências qualitativas no trato com as diferenças. (Nunes e Duarte, 2021 p. 200)

Destaco aqui a importância da visibilidade a educação antirracista na formação do professor como fator importante na construção da sua identidade, o professor que chega a escola sem conhecer a educação antirracista ou sem se reconhecer dentro da sua identidade não vai conseguir trabalhar a questão racial, e se faz urgente e necessário que desde os anos iniciais da educação a questão racial seja pautada porque o racismo é uma violência que quando sofrida deixa marcas extremamente profundas.

Quando conheço o movimento negro na disciplina de pedagogia da dança com Aline Serzedello eu me reconheço, quando me reconheço eu repenso minhas práticas, na busca de lutar contra o racismo a partir do meu fazer diário. Segundo GOMES, (2017, p. 18):

“São as negras e negros em movimento: artistas, intelectuais, operários e operárias, educadoras e educadores, dentre outros, ou seja, cidadãos e cidadãos que possuem uma democracia, mas não atuam necessariamente em uma entidade de organização específica. Todos são, de alguma forma, herdeiros do Movimento Negro, o qual, por conseguinte, é herdeiro de uma sabedoria ancestral.”

Finalizo o meu relato de experiência e chego neste ponto da escrita consciente de que este, é apenas o início do caminho que irei percorrer, em uma busca constante por trazer a dança para a escola como essa prática atenta a diversidade dos corpos, e a diversidade de histórias que cada um deles carrega, como fator importante do reconhecimento de si e de suas potencialidades.

Este trabalho é um convite para que as leitoras e leitores possam ampliar os olhares para a diversidade de histórias e narrativas, que precisam estar presentes e serem apresentadas no processo educacional, se eu apresento uma única história de um único povo como um modelo a ser seguido eu estou automaticamente excluindo e invalidando a intelectualidade e os saberes de outros povos, é preciso descentralizar o pensamento para se trabalhar a educação de forma plural.

Hoje consigo reconhecer que a minha trajetória e cada passo que dei até aqui são as andanças que narram a minha história e que me fazem lembrar quem eu sou exatamente. Com esse pensamento chamo a atenção para a escrita deste trabalho que vem ressaltar a importância da construção da identidade, das professoras e professores negros em seu processo de formação de modo que a partir do reconhecimento de si e de suas histórias eles possam trabalhar auxiliando na construção da identidade dos seus futuros alunos.

Que essa escrita possa chegar a outras corpos e corpos pretos como forma de dizer que a sabedoria dos nossos ancestrais, as histórias deixadas por eles e as histórias que escrevemos agora são também conteúdo intelectual e que as nossas vozes possam seguir ocupando cada vez mais os espaços, se em determinado momento da história a educação foi negada às pessoas negras, hoje nós ocupamos as escolas para discutirmos outros modelos de educação.

Caminhos abertos...

Referências

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**, 1º ed., São Paulo: Jandaíra, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivência a escrita de nós**, 1.ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020

OLIVEIRA, Jurema José de. **No limite entre a memória e a história: a poesia**. Vitória: EDUFES, 2011.

CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não ser como fundamento do ser**. Tese (doutorado) em Educação. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005, pg 96-110.

SEHRA, R.K. Como as bailarinas não brancas estão mudando a paleta de cores da dança. **Portal Geledés**, 03 mar. 2020. Disponível em: <[https://www.geledes.org.br/como-as-bailarinas-nao-brancas-](https://www.geledes.org.br/como-as-bailarinas-nao-brancas-estao-mudando-a-paleta-de-cores-da-danca/)

[estao-mudando-a-paleta-de-cores-da-danca/](https://www.geledes.org.br/como-as-bailarinas-nao-brancas-estao-mudando-a-paleta-de-cores-da-danca/)> Acesso em: 17 ago. 2023.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro Educador: saberes construídos na luta por emancipação**. 3.ed. Petrópolis, Rj: Vozes, 2017.

GODOY, Kathya Maria Ayres de; ANTUNES, Rita de Cássia Franco de Souza (orgs.). **Movimento e Cultura na Escola: Dança**. São Paulo. Instituto de Artes da Unesp, PróReitoria de Graduação, 2010.

BORBA, Ângela Meyer. **O brincar como um modo de ser e estar no mundo**. In: **Ensino Fundamental de Nove Anos: orientação para a inclusão da criança de seis anos de idade**. 2 Ed. Ministério da Educação, Brasília, DF. 2007. 136 p.

DUARTE, Carolina; NUNES, Georgina. Docência negra: educação infantil antirracista pela via da representatividade. **Revista Contemporânea de Educação**, v. 16, n. 37, set/dez. 2021 <http://dx.doi.org/10.20500/rce.v16i37.44802>